

A CASA DA INDEPENDÊNCIA: UM EXEMPLAR DE EDGAR GRAEFF

Lorena Postal Waihrich

Universidade de Passo Fundo, Brasil

lwaihch@ibest.com.br

Ana Paula Wickert

Universidade de Passo Fundo, Brasil

apw@upf.br

Nery Luiz Auler da Silva

Universidade de Passo Fundo, Brasil

auler@upf.br

A arquitetura moderna de Passo Fundo possui um exemplar de relevo no cenário gaúcho: a residência da Rua Independência projetada por Edgar Graeff. Além desta, existem mais duas obras de Graeff que resistem bravamente na massa urbana, traduzindo sua atualidade em relação ao contexto nacional. A relevância da casa da rua Independência está justamente na coordenação de materiais locais, questões de conforto ambiental com as formas racionais do apogeu da modernidade. A edificação está ligada ao tecido urbano através do acesso principal constituído de um passadiço com degraus revestidos em cerâmica branca onde o recuo de jardim em relação à rua desliga a residência do tecido urbano e lhe atribui um ar de construção solene. As técnicas construtivas empregadas pelo arquiteto para adequação dos condicionantes físicos ao lugar, apresentam soluções adequadas e simplificadas direcionadas em termos de economia. Os materiais utilizados na construção apresentam solidez, pouca manutenção e são peculiares da região, como a madeira (Muxarabi), basalto (painel de pedra) e o tijolo maciço. A transparência modernista também está presente nessa obra, através do painel de tijolos de vidro, janela em fita e integração com o jardim interno.

Palavras-chave: modernismo; Edgar Graeff; arquitetura residencial.

The modern architecture of Passo Fundo have an important exemple in the south architecture cenary. The building was projected for Edgar Graeff in 1960.

Introdução

O Movimento Moderno não significou apenas uma nova corrente estilística, mas um rompimento com uma maneira de pensar secular, buscando através da racionalidade e funcionalidade uma beleza artística jamais antes vista. Com o fim da Primeira Guerra Mundial, as bases da organização do mundo tradicional se desmoronam definitivamente, e a Europa perde sua hegemonia para os Estados Unidos. No Brasil, a Semana de Arte Moderna de 1922 abriu as portas para o rompimento do *status quo* das artes brasileiras através da introdução de uma maneira revolucionária de fazer arte, e já no final da década de 1920 a obra de Gregori Warchavchik introduziu definitivamente as linhas modernistas ao perfil edilício de São Paulo.

Após a década de 1940 o novo estilo já estava difundido no restante do país e havia extrapolado a esfera das grandes obras públicas nos grandes centros como Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte. No interior do Brasil o Movimento Moderno acabou se firmando principalmente na arquitetura doméstica residencial. Nesse sentido, este artigo

busca comprovar a relevância dessas obras menos conhecidas do movimento moderno analisando a contribuição do arquiteto Edgar Graeff à arquitetura moderna gaúcha e passofundense através da casa Rômulo Teixeira.

1. Modernidade no Brasil

Dos grandes mestres do Movimento Moderno, o que teve uma relação mais íntima com a arquitetura brasileira foi o suíço Le Corbusier, que participou inclusive da elaboração, em 1936, da primeira obra de repercussão nacional: o Ministério da Educação e Cultura. A partir daí, o modernismo tomou a frente como estilo das obras governamentais, até seu ápice em Brasília.

Nas duas décadas após o início do modernismo no Brasil as escolas de arquitetura do país começaram a sofrer diretamente a influência do novo estilo, já inserido em seus currículos. Em Porto Alegre as mudanças no ensino da arquitetura aconteceram em 1945 com a organização do currículo de arquitetura pelos arquitetos Demétrio Ribeiro e Edgar Graeff, influenciados tanto pela obra de Le Corbusier, e dos pioneiros brasileiros, quanto pela discussão do realismo social, proveniente de Montevidéu.

A funcionalidade pura, preconizada na Europa e Estados Unidos, no Brasil foi aliada à busca pela identidade da arquitetura nacional. Assim, o Modernismo brasileiro é visto como algo à parte, onde gênios da arquitetura fizeram uma reconciliação entre os princípios europeus e a herança nativa, o que proporcionou uma linguagem arquitetônica mais livre.

As pesquisas sobre a irradiação solar e os elementos arquitetônicos que podem realçá-la ou evitá-la resultaram na disseminação do brise solar, preconizado por Le Corbusier. Horizontal ou vertical, móvel ou fixo a variedade destes elementos foi ampliada quando da incorporação de elementos da tradição colonial, como rótulas e venezianas que reaparecem na nova linguagem como elementos vazados de cerâmica e concreto. O uso de azulejos como revestimento de superfícies não estruturais e dos pilotis, ampliando a relação do espaço interno com o espaço externo também são características da modernidade brasileira. Mas, a grande inovação fica por conta da plástica, exemplificada na obra de Niemeyer. O arquiteto busca uma forma original em cada obra, desvinculando-se do funcionalismo ingênuo.

Além das figuras destacadas no cenário nacional e internacional como Lucio Costa, Niemeyer e Artigas, o movimento moderno brasileiro viu desenvolverem-se obras de grande qualidade arquitetônica de uma maneira quase que generalizada pelo interior do país. No Rio Grande do Sul, o Movimento Moderno difundiu-se rapidamente desde Porto Alegre até as cidades do interior. Basta observar cidades como Passo Fundo, onde a variedade e qualidade dos edifícios modernistas merecem uma atenção maior e um respeito que chega a ponto de começarmos a pensar em sua preservação como patrimônio arquitetônico.

2. Modernidade em Passo Fundo

A chegada da ferrovia em 1898 trouxe a Passo Fundo um impulso econômico importante. Construiu-se muito em relação às décadas anteriores, mas o estilo em voga continuava sendo o historicismo eclético. Somente a partir da década de 1930 começamos a ver o nascimento de uma gama de edifícios industriais construídos de acordo com a linguagem proto-racionalista, como o Moinho, Silo e a antiga cervejaria Brahma. Mas, estes edifícios

não gozavam do caráter de arquitetura, pois, na época, eram considerados “meras construções” para um fim determinado. Ainda assim, a tendência dominante neste momento já era o abandono dos elementos decorativos em busca da pureza formal, e o estilo conhecido como art deco apareceu com força no contexto passo-fundense.

Mas, foi nas décadas de 1950 e 1960 que Passo Fundo conheceu o modernismo em sua intensidade e totalidade. As formas cúbicas, caracterizadas pela linha reta, valorização da estrutura, que se mostra na fachada, preocupação com a insolação e funcionalidade, conferem aos edifícios modernistas construídos em Passo Fundo entre qualidades arquitetônicas inquestionáveis. A estrutura aparente e o uso do elemento brise solar são uma tônica nessas obras. A adequação às questões de insolação aparece tanto na versão tradicional do brise móvel, como no Ed. Planalto e Turis Hotel, quanto como releitura, tal como nos muxarabis da residência projetada por Edgar Graeff na rua Independência.

No caso do renomado arquiteto Edgar Graeff, sua atuação extrapolou a esfera do projeto arquitetônico, quando de sua participação na elaboração do plano diretor de Passo Fundo de 1956. Em realidade, as obras de Graeff que resistem bravamente na massa urbana, traduzem sua atualidade em relação ao contexto nacional. Os planos de combogos e muxarabis, tão bem coordenados pelo arquiteto na composição das fachadas de seus edifícios, remetem às raízes da dita arquitetura de caráter nacional, tal como preconizava Lúcio Costa. O único porém é a descaracterização constante que estas edificações, cuja relevância para a história da arquitetura passo-fundense é inquestionável, vêm sofrendo através de adequações sucessivas.

Outro edifício de surpreendente valor estético, bastante valorizado pela sua implantação, é a sede social do Clube Comercial. O volume formado por planos horizontais da estrutura e do pano de vidro, destaca apenas a placa em mármore branco, utilizada para comunicação visual. A pureza e o equilíbrio compositivo desta obra “saltam aos olhos” frente aos excessos da cidade contemporânea. Esta obra paira elegantemente sobre um mar de edifícios recobertos por uma comunicação visual de caráter duvidoso. A pureza estética quando colocada frente ao excesso demonstra a essência da modernidade – sua profunda racionalidade.

Além destes edifícios, vários outros modernos podem ser vistos nas ruas e bairros de Passo Fundo, especialmente na Vila Vergueiro, onde diversas residências demonstram claramente a status do bairro em meados do século XX. Estas edificações traziam consigo não só um novo estilo arquitetônico mas uma nova maneira de pensar a vida, espaços amplos e funcionais, armários e móveis desenvolvidos com design exclusivo, proteção solar e conforto ambiental, racionalidade construtiva, resumindo em si a essência da sociedade industrial em seu apogeu.

3. A Residência Rômulo Teixeira

Em se tratando da análise de uma obra de Edgar Graeff é importante considerar sua posição teórica em relação à arquitetura. Para Graeff *“há edifícios que se distinguem independentemente da sua função, das suas características técnicas e construtivas, ou da eventual importância social que lhes é atribuída”*. Sobrevivem graças *“as suas qualidades artísticas, mesmo quando já estão superados como instrumentos de utilidade prática. É a presença destas dessas qualidades que permite caracterizar um edifício como obra de arte e, em consequência, definir a arquitetura como atividade artística. A manifestação de valor artístico é que permite distinguir a simples construção da obra de arquitetura”* (1986, pg. 15).

Nesse sentido, a obra teórica de Graeff densifica sua produção como arquiteto, uma vez que se observa sua conceituação de arquitetura explicitada nos detalhes de seus projetos arquitetônico.

A casa Rômulo Teixeira, projetada por Edgar Graeff na década de 1960, não é muito conhecida pela crítica, porém possui as características que identificam o modo como o arquiteto expressa sua arquitetura.

3.1 Análise Urbana e Implantação

A residência Rômulo Teixeira situa-se atualmente na zona comercial, na área central e mais antiga da cidade. Esse espaço urbano também está relacionado à colonização, pois a rua General Neto era o caminho direto para a estação férrea, localizada a duzentos metros do objeto em análise. A residência se encontra em situação de cota de nível elevada em relação ao restante da cidade e em localização privilegiada em relação aos interesses de moradia para a família de Rômulo Teixeira.

Nesta área ocorrem as atividades principais da vida da comunidade, a casa esta situada a cinquenta metros da Catedral a cem metros do Fórum, a cento e cinquenta metros da Avenida Brasil, via coletora de tráfego na cidade; a vinte metros dos bancos regionais e a trinta metros da praça mais significativa de Passo Fundo. Nesse espaço público em frente à praça central e a catedral ocorrem as atividades comunitárias que reúnem grande número de pessoas, como a feira do livro, apresentações de teatro ao ar livre, ou de música ao vivo.



Figura 1: Vista panorâmica da rua independência onde esta localizada a casa de Rômulo Teixeira. Foto dos autores.

A edificação está implantada com recuo frontal e lateral, paralela à rua Bento Gonçalves, localizada junto a outras edificações do mesmo período, como o edifício Planalto, localizado a direita da foto próximo à esquina com a rua General Osório. O volume desta edificação de dois pavimentos evidencia a sua importância no cenário da cidade pela sua localização privilegiada em relação à rua, onde os desníveis do passeio fazem a ligação com a calçada. A casa encontra-se desligada do alinhamento com a rua, ancorada no pavimento térreo e nas edificações lindeiras, simulando uma seqüência no tecido urbano que emoldura a sua individualidade e salienta a sua personalidade. (figura 01)

Atualmente o terreno está cercado por grades metálicas, o que, aliado ao grande número de edificações em altura, acabou gerando uma interferência na percepção da edificação. Atualmente a edificação está praticamente escondida e não é facilmente percebida no contexto urbano, sendo desvalorizada pelo seu entorno.



Figura 2: Vista geral da fachada principal da casa Rômulo Teixeira. Fonte: foto dos autores.

3.2 Análise da Edificação

O imóvel residencial de dois pavimentos possui 157 m² de área construída, e está localizado no setor 3, quadra 29 e lote número 9, registrada no ano de 1977. (Graeff, 1995). A casa foi projetada para Arlinda e Rômulo Teixeira, e está localizada na rua Independência número 784, entre as ruas General Neto e Coronel Chicuta. Foi construída para abrigar uma família de quatro pessoas, sendo o casal e dois filhos homens.

O senhor Rômulo Teixeira exerceu a profissão de advogado e a sua esposa dedicou-se à família e às atividades do lar, informações importantes para o entendimento do programa de necessidades e da conceituação da geometria dos espaços e suas respectivas funções. (figura 02)

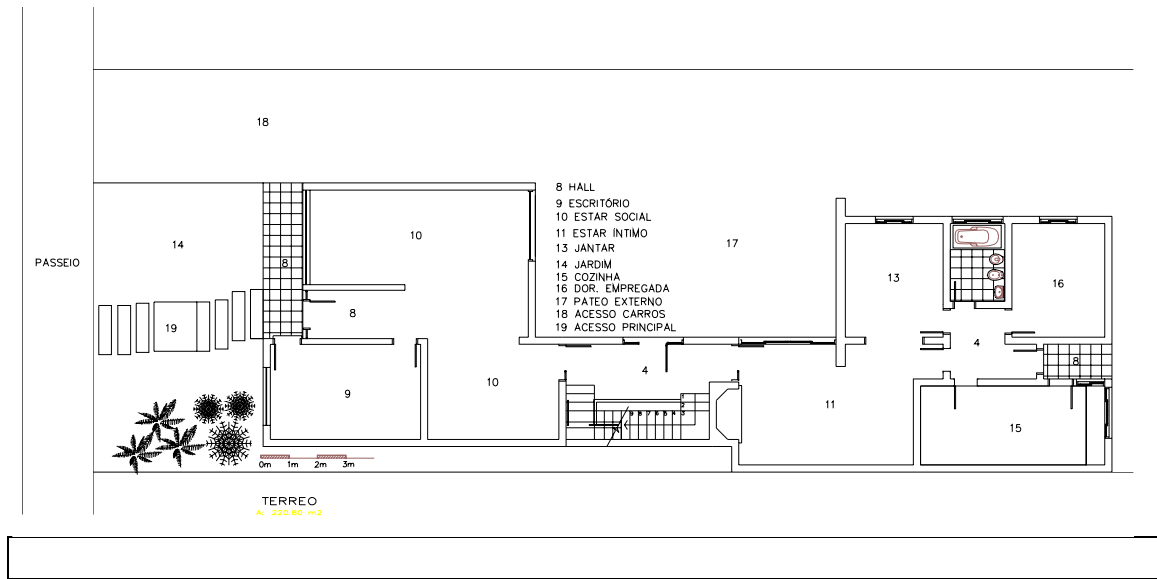
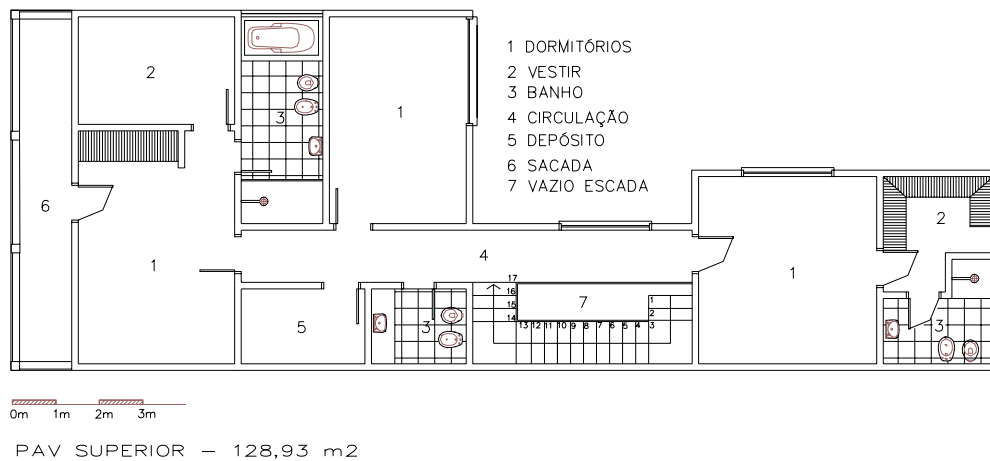


Figura 2: Plantas baixas da casa Rômulo Teixeira.
 Levantamento realizado pelos acadêmicos de arquitetura em
 2004.



Para Graeff (Xavier,1987), “a forma arquitetônica revela-se rigorosamente comprometida com o Programa de Necessidades - e o ofício do arquiteto pode ser definido como arte de formar (organizar e animar) espaços destinados a ambientar as atividades humanas”.

A atividade artística do projeto se enriquece quando alia as exigências práticas inerentes ao programa de necessidades e responde aos aspectos técnico-funcionais. Este exemplar encerra as características de boa técnica construtiva possuindo valor de obra de arte arquitetônica na produção do espaço.

O percurso interno pela casa de Rômulo Teixeira evidencia a intenção de tornar os compartimentos mais permeáveis de modo a integrar os espaços internos entre si e com os espaços externos, de modo que a visual se estendesse, permeando os espaços, detalhes bem evidenciados na sala social e no jardim da escada.

A transparência se apresenta no painel de tijolos de vidro, na porta principal e janelas laterais que fazem a ligação com o espaço externo e na faixa horizontal de vidro que corta a sala, posicionada como se fosse a viga de sustentação entre o pavimento inferior e o superior criando uma sensação de leveza na ambientação deste compartimento social que integra o hall de entrada da residência. (figura 3)



Figura 3: Vista interna da janela em fita. Fonte: Foto dos autores.

A escada encontra-se centralizada como elemento de ligação entre a parte social e a parte íntima permitindo a visão total do espaço, pois está fixada na parede mais extensa da sala adquirindo caráter escultórico também pela sua esbelteza no dimensionamento da estrutura, Graeff insere no vazio sob a escada, um pequeno jardim interno com ligação para o pátio externo, marcando outra característica projetual sua, espelhada na residência do

arquiteto, em 1951, na Travessa Desembargador Vieira Pires nº 58. (figura 4) Na residência de Edvaldo Pereira Paiva /1948,(figura 5) localizada na cidade Baixa em Porto Alegre a escada recebe o mesmo tratamento centralizado ligando o exterior com o espaço interno através do pátio. Na casa do Paiva o terreno possui somente 8,5 m de largura, mesmo assim a escada foi utilizada como elemento centralizador entre os compartimentos das áreas sociais e serviço do térreo, recebe o tratamento de escultura unindo o pavimento inferior com o superior, onde o Graeff localizou a parte íntima das casas.

Os dormitórios no pavimento superior possuem orientação solar e as soluções de projeto adotadas são semelhantes às adotadas na casa do Paiva, na casa do próprio arquiteto, na residência de Harri Graeff, pois aqui Graeff explora com mais profundidade a influência que recebeu de Lucio Costa e de Le Corbusier (Puppi,1998) ao utilizar o Muxarabi em madeira nas sacadas oeste nos dormitórios, elemento que funciona como uma ante câmara protegendo do calor intermitente no verão e do frio intenso no inverno de Passo Fundo. (figura 6)



Figura 4: Vista interna da escada da casa Romulo Teixeira. Fonte: Foto dos autores

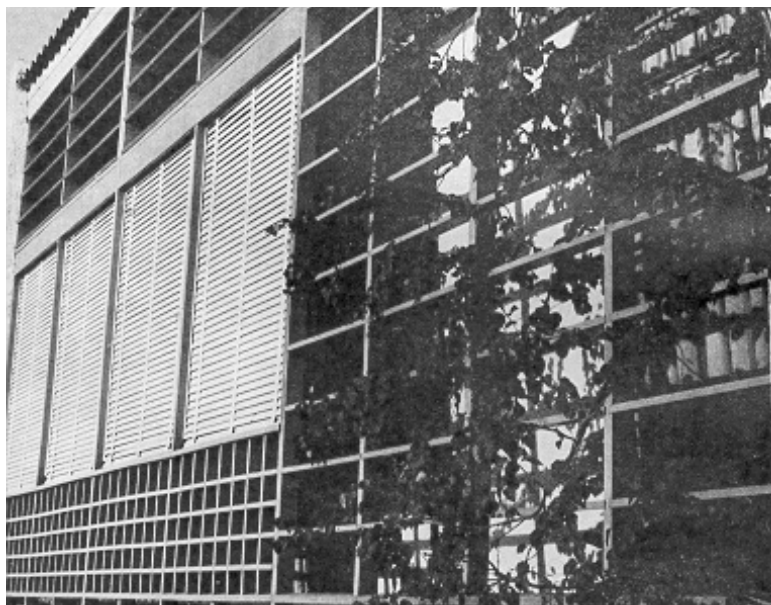


Figura 5: Vista da Casa Edvaldo Pereira Paiva, detalhes aberturas. Fonte: XAVIER, 1987

Na casa de Rômulo Teixeira, idealizada por Graeff doze anos mais tarde que a casa Paiva, a parte íntima recebe tratamento especial que está expresso externamente pela geometria das formas na fachada e no espaço interno pela luminosidade quase excessiva, causada pela presença de luz natural na sala social; durante o período de luz do dia, localizada sob o dormitório do casal. (figura 6)



Figura 6: Vista externa e interna do muxarabi em madeira da fachada principal. Fonte: foto dos autores.

O compartimento do dormitório do casal está ressaltado do alinhamento da fachada, pois está distante dos limites laterais, envolto por uma moldura de alvenaria, posto como se estivesse levitando, pois no lugar onde (pela leitura da estrutura da edificação) deveria estar a viga de sustentação há uma faixa de vidro, disposta na horizontal, caracterizada como uma janela em fita. O volume desta edificação que está mais próximo da rua é o escritório, revestido em pedra natural da região, possui acesso direto à área externa e ao passadiço ligando à calçada. A relação da geometria espacial e as funções dos compartimentos possuem tratamento hierárquico e conceitual expresso na escolha das formas, na posição que ocupam e nos materiais mais adequados de acordo com o conceito do lugar.

O arquiteto utiliza as formas espaciais para expressar o conceito de morar, utiliza a geometria dos espaços para abrigar os hábitos dos anfitriões e de acordo com a importância das funções define os materiais de construção.

4. Conclusões

A análise da obra de Graeff em Passo Fundo, especialmente da residência Rômulo Teixeira, demonstra a relevância do arquiteto no cenário modernista gaúcho. A utilização de materiais locais, como a pedra basalto, esquadrias de madeira, muxarabis, em formas racionalistas coloca a obra no seletivo grupo de arquitetos que atuaram na revisão do movimento moderno justamente nas décadas de 1950 e 1960.

Isso demonstra que Graeff estava atualizado com a produção arquitetônica do momento, sendo um arquiteto de relevância para o contexto do modernismo gaúcho, devendo obrigatoriamente constar na historiografia da modernidade brasileira.

Considerando a própria afirmação de Graeff de que “*o valor artístico da obra é decidido, em última instância, pelo talento do arquiteto e não pela maior ou menor riqueza dos materiais e das técnicas ou pelo volume e complexidade da construção*”. (1986, pg. 39), conclui-se que a obra de arquitetura quando bem conceituada e embasada chegará a bons resultados independente de ter sido construída com custos elevados ou em um grande centro. Dessa forma comprova-se que a casa Rômulo Teixeira, apesar de estar localizada no interior do Rio Grande do Sul, é um exemplar que merece seu reconhecimento e estudos mais aprofundados.

5. Referências Bibliográficas

- FICHER, Sylvia. ACAYABA, Marlene Milan. *Arquitetura Moderna Brasileira*. São Paulo: Projeto Editores Associados, 1982.
- FRAMPTON, Kenneth. *História crítica da arquitetura moderna*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- GRAEFF, Edgar A. *Arte e técnica na formação do arquiteto*. São Paulo: Studio Nobel: Fundação Vilanova Artigas, 1995.
- GRAEFF, Edgar Albuquerque. *O Edifício*. Cadernos Brasileiros de Arquitetura, Projeto Editores Associados LTDA. 1986.
- KOPP, Anatole. *Quando o Moderno não era um estilo e sim uma causa*. São Paulo: Nobel, Edusp, 1990.
- MARQUES, Sérgio M.. *A revisão do movimento Moderno? Arquitetura no Rio Grande do Sul nos anos 80*-Porto Alegre: Editora Ritter dos Reis, 2002.
- PUPPI Marcelo. *Por uma história não moderna da arquitetura brasileira: questões de historiografia*. Campinas, SP: Pontes: Associação dos amigos da história da arte: CPHA:IFCH: Unicamp, 1998.
- SEGAWA, Hugo. *Arquitetura no Brasil 1900-1990*. São Paulo: Edusp, 2002.
- XAVIER, Alberto. *Arquitetura moderna brasileira: depoimento de uma geração* -São Paulo: Pini: Associação Brasileira de Ensino de Arquitetura: Fundação Vilanova Artigas, 1987.